



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR  
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA  
RITA**EXPLICAÇÕES à LUIZINHA**

Por ANÃO SABICHAO

DESENHOS DE A. C. STANĚ

**N**O lago do jardim da Luizinha vivia uma quantidade de peixinhos, muito lindos.

O Tareco, certo dia, quando a Luizinha deitava migalhas de pão, para dentro da água, veio, muito sorrateiro, pôr-se a seu lado.

Assim que os peixes se aproximavam da borda do lago, o gato todo estremecia e miava, nuns *rinhãus-nhãus* gulosos.

A Luizinha percebeu-lhe a intenção e, de propósito, deixou cair na água, perto do bichano, uma côdeazinha de pão.

Logo um peixe, mais ágil, se precipitou sobre o pão e o Tareco, num movimento rápido, lançou-lhe a garra, fugindo com êle, para o jardim.

Com um grito de entusiasmo, a Luizinha

chamou-me para eu presenciar aquela proeza do seu gato.

Lá estava êle sentado ao pé do peixinho que, em convulsões, se contorcia na areia.

—«Porque salta êle tanto, Anãozinho?» — perguntou-me a pequena, muito admirada.

—«Porque está aflito e tão aflito, que daqui a pouco, estará morto.»—

—«Então o peixinho morre aqui e não morre dentro de água.»—

—«O peixe é um animal aquático, não sabias, Luizinha? Nunca o devias ter tirado do lago.»—

—«E o que queres dizer aquático, amigo Anão?»—

—«Queres dizer que só vive na água.»—

—«Mas as rãs da poça, lá ao fundo da quinta, quando saiem da água, não morrem.»—

—«E' verdade! Mas a rã é um animal que vive em terra e não na água.»—

—«Então, se as rãs não vivem na água, porque é que quando chegamos perto delas, saltam logo para o fundo do charco?»— tornou a Luizinha, cheia de curiosidade.

—«As rãs são muito medrosas. E' por isso que se escondem, debaixo de água, assim que ouvem qualquer barulho. Mas não ficam lá muito tempo. Quando vais á praia vêr o teu pai tomar banho, não reparas que êle mergulha durante algum tempo? Isso acontece também com alguns animais. A rã pode até agüentar-se mergulhada, mais duma hora.»—

(Continua na página 4)



# Grandes do Portugal

NOTAS BIOGRÁFICAS  
POR MANUEL FERREIRA

## D. PEDRO V

**C**HAMOU-LHE «Esperançoso», o povo, quando começou a reinar. «Rei-Santo» lhe chamou o mesmo povo, depois, quando o viu à cabeceira dos moribundos, consolando as dôres, enxugando as lágrimas, no meio da tristeza, do luto e da desolação das epidemias.

Nascido em 1837 e educado primorosamente por sua mãe, a Rainha D. Maria II, revelou desde muito novo as mais brilhantes qualidades de espírito e de coração. Pedro de Alcântara — assim se chamou êle, estava destinado a ser sempre um mártir do infortúnio e da desgraça. Mas no seu curto reinado, teve enorme realce, o conjunto de boas acções do

soberano que, fazendo sempre o bem, conseguiu que a História o apontasse como um monarca bondoso, culto e liberal.

Lisboa apresentava um aspecto tristíssimo com as epidemias. Poucas pessoas estavam na cidade. O terror era enorme. Os hospitais eram insuficientes para tantos enfermos. E no seu apostolado, quando todos fugiam, el-rei ficou, visitando os hospitais, distribuindo esmolas, alegrias e confortos de toda a espécie. Quando todos, receando o contágio, deixavam Lisboa entregue à sua dôr, a figura do jovem soberano percorria, simplesmente, a cidade, de lés a lés, informando-se de todos os doentes e querendo que

êstes não juntassem aos horrores da doença a falta de consolações e de confortos.

Ele era um santo. Sentava-se junto dos enfermos e parecia-lhe que o mal dos outros era o seu. Dirigia aos enfermos palavras de esperança.

\* Toda a gente dizia a el-rei que se não expuzesse. Mas êle, todo absorvido na sua tão nobre missão, não ouvia conselhos...

E nunca se vira um rapaz de 20 anos, chefe de Estado, expôr-se, pela sua bondade, a tamanhos riscos!

D. Pedro V casou num dia formoso de primavera com a linda e bondosa D. Estefânia. Veio gente de todas as terras para abençoar os noivos. Mas, para em tudo haver infelicidade, a corôa de noivado de D. Estefânia, feriu-lhe, por ser muito apertada, a nobilíssima fronte.

Aquele casamento não fôra occasionado pela diplomacia, mas sim pela estima entre êles. Pedro e Estefânia foram o exemplo das mais belas virtudes domésticas e cívicas.

E quando sua mulher morreu, D. Pedro V disse, numa carta, ao duque da Terceira, o seguinte:

## O CESTINHO DA COSTURA

### SECÇÃO PARA MENINAS

Querida Luisinha:

Então, a tua «Licas» é uma boneca tão catita e, afinal, ainda não tem um guardanapinho para comer?

Grande falta a da sua mamã! Olha Luizinha temos de habituar os nossos filhos a serem acaados, por isso é um feio hábito deixá-los comer sem guardanapo. Vais, portanto, começar, o mais cedo possível, a fazer êste modêlo que hoje publico para ti. Para isso, qualquer pedacinho de pano serve, seja qual fôr a qualidade ou côr.

A's bonecas quási tudo vai bem. E depois elas são boas de contentar e bem pouco exigentes!

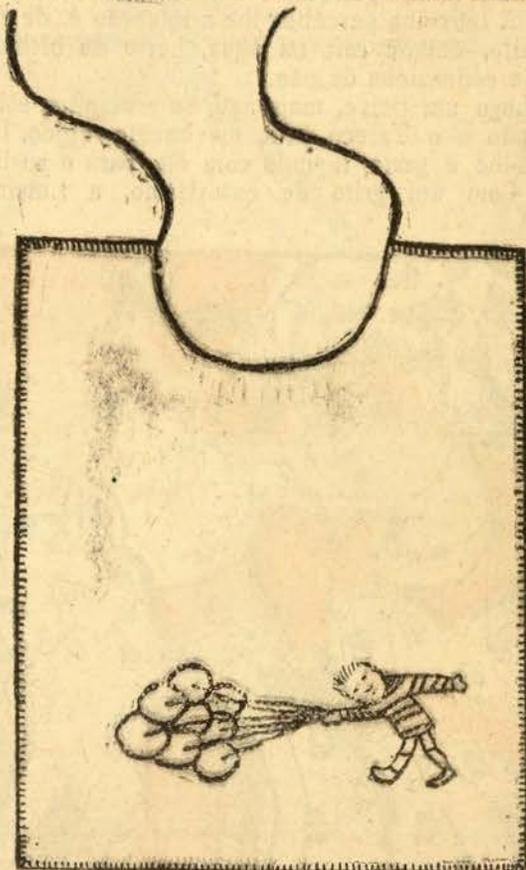
Com o nosso conhecido pontinho pé de flôr, fazes o boneco com linha brilhante prêta.

Para cada balão, escolhes côres diferentes e ao teu gôsto. O picot, à volta, é feito com agulha de *crochet* e linha encarnada como já tenho ensinado.

Aí tens um engraçado trabalho para a primeira tarde passada em casa.

E, agora, recebe um grande beijo da tua amiguiinha

ABELHA MESTRA

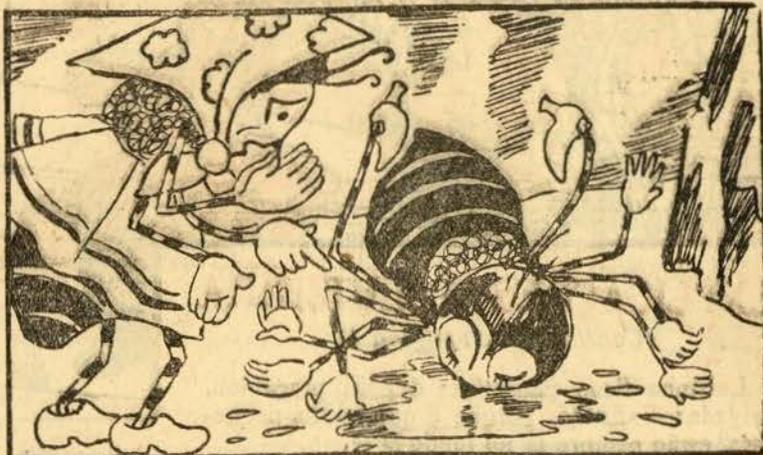


# AMBIÇÃO DUMA ARANHA

Por MARIA MADALENA

No meio da lenha,  
De certa cozinha,  
Uma aranha  
Com manha  
Fazia a casinha.

Andava gordita,  
Mas algo exquísita  
Nas suas maneiras



Com as companheiras!  
Do seu canto airoso,  
Olhava-as de cima,  
Com esse ar vaidoso,  
Teimoso  
De certa menina...

Porquê, afinal?...  
O pobre animal  
Era acaso mais  
que os demais?!  
Por ser rubicunda  
E fecunda?  
Talvez...

Certo é que uma vez  
Minou-a a vaidade  
Daninha  
E quiz ser rainha!  
Com gosto profano  
E insano,  
Subira dum salto,  
tão alto,  
que a teia partira  
E caíra!...

Aos trambulhões  
Rebolões,  
Caíu sucumbida,  
Dorida,  
tão ferida,  
que até desmaiou!  
Passado um minuto  
Abriu os olhitos,  
Finos e espartitos,  
Olhando em redor.

(Conclui na página 7)

«Eu e os meus povos temos sido companheiros de infortúnio. Diz-me a consciência que os não abandonei.» E depois: «Ela era um coração para a terra e um espírito para o Ceu.»

Apóstolo da caridade, D. Pedro V foi, também, o apóstolo da instrução. Fundador do Curso Superior de Letras, el-rei, modestamente fardado, ia freqüentes vezes assistir, como simples ouvinte, às lições magistrais, proferidas naquele curso, por Rebelo da Silva e tantos outros.

E D. Pedro era, além de tudo isto, um escritor de rara elegância. Ele era quem preparava as alocuções que dizia no Parlamento e noutras solenidades a que dava o brilho da sua palavra. E, é de el-rei, esta frase, que bem mostra as suas preocupações educativas: «Não se devem trocar os livros pelos prémios, por isso que os prémios são para uma vez e os livros são para sempre.»

El-rei morreu em 1861, da doença, por assim dizer, misteriosa, que também vitimou seus irmãos: o jovem D. Fernando e

D. João, o garboso coronel de lanceiros...

A sua vida foi um exemplo de bondade e dedicação ao seu semelhante. E, há quem diga que el-rei morreu vítima da sua admirável dedicação pelos doentes. E nada mais natural do que dar-se o contágio.

Fôsse como fôsse, o que é certo é que o povo chorou sentidamente a morte de D. Pedro V, daquele rei que fôra um dos maiores exemplos de virtudes domésticas e cívicas da História de Portugal.

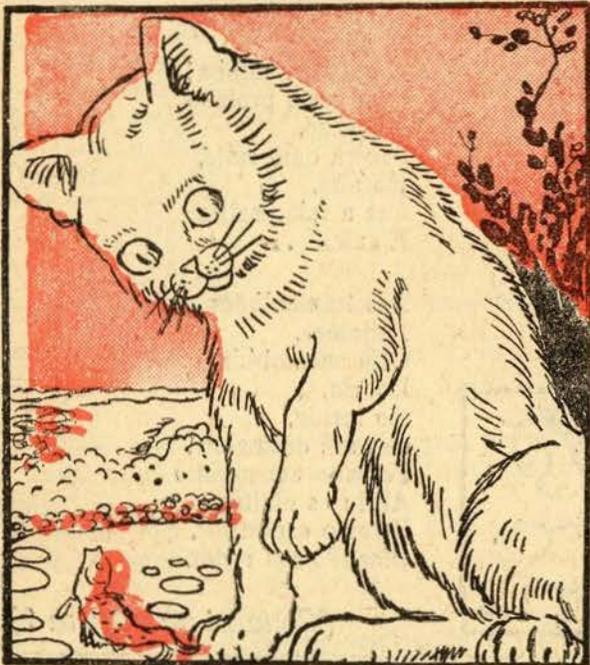


## EXPLICAÇÕES à LUIZINHA

(Continuado da página 1)

Luizinha ficou pensativa; depois, perguntou, intrigada: — «Então, porque é que as rãs pequeninas, estão sempre lá no fundo?» —

— «A tua pergunta também tem resposta. As



rãs pequeninas são como os peixes: animais aquáticos. Mas, assim que crescem, começam a viver também em terra. As rãs pertencem ao grupo dos anfíbios.» —

— «Que nome tão esquisito, Anãozinho!»

— «Eu te explico: isto quer dizer *dúpla-vida*. E é mesmo assim: os anfíbios enquanto são novos, são aquáticos, mas, como já te disse, depois de crescidos, passam a viver fora de água.» —

Estávamos tão distraídos que nem demos pelo desaparecimento do pobre peixinho e quando olhámos à procura do Tareco, avistamo-lo, sentado na borda do lago, a lamber-se muito satisfeito e sem desfitar os olhos da água, na mira de apanhar outra vítima para engulir. Mas a Luizinha, toda irritada, gritou-lhe:

— «Estás enganado, maroto! Por minha culpa, papaste um dos meus lindos peixinhos! Agora, estou mais sabida, e só te dou carapáu já morto! Vai para a cozinha, que lá os tens no teu prato!» —

Ao dizer isto, deu umas fortes palmadas no Tareco, que, fazendo *rinhãus-nhãus* indignados, não teve mais remédio, senão sair do seu posto.

■ F I M ■

# ILUSÃO DE ÓTICA



Abri, paralelamente, num cartão de visita, pequenos espaços rectilínios, de modo a transformá-lo numa espécie de grade. Com eixo numa das extremidades, fazei girar por detrás dessa grade uma tira de cartão — ou mesmo um papel —

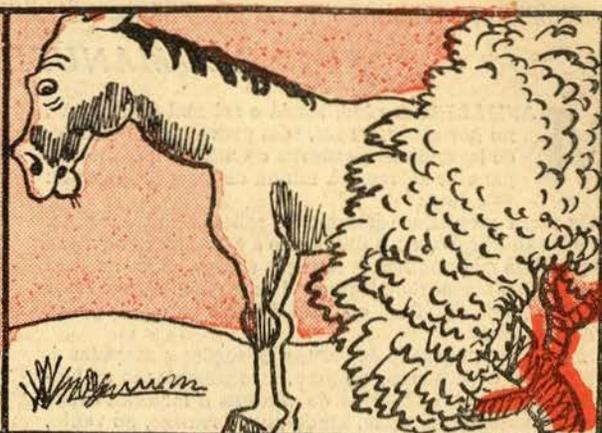
também rectilínio e de igual largura em todos os seus pontos.

Conservando-a perpendicular ou quasi perpendicular às travessas, observa-se perfeitamente que ela é limitada por duas linhas rectas; contudo, colocando-a em posição oblíqua a tira parece quebrar-se, fugindo as suas partes visíveis, entre as travessas do prolongamento, umas das outras. Para rectificar a ilusão que, no desenho junto, se observa, basta aplicar uma régua às linhas, limite das tiras, que imediatamente se convencerão que estas são perfeitamente rectas.

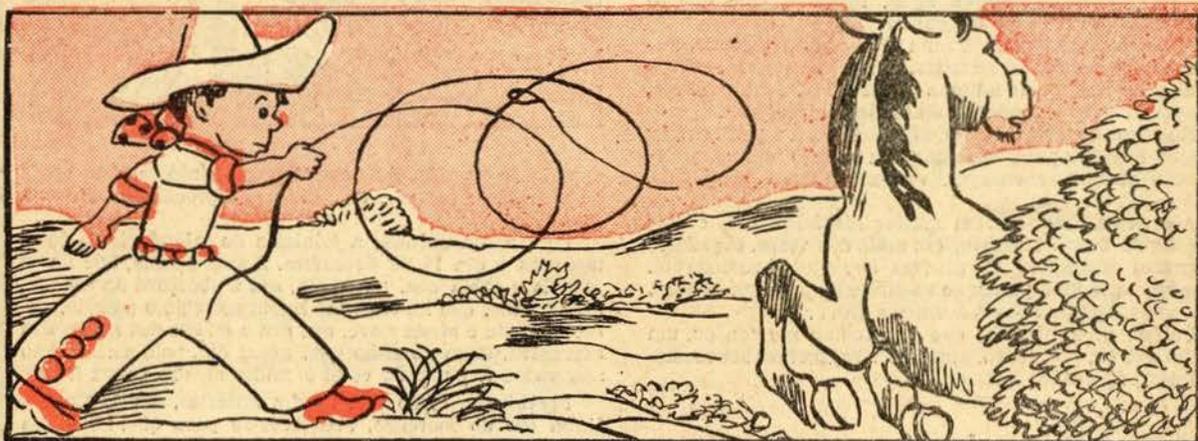
# O PEQUENINO «COW-BOY» E O «AGUIA NEGRA»



O filho dum vaqueiro americano, andava, certo dia, todo ufano, deitando o laço, como o pai fazia, a todo o animalejo que surgia.



Nisto, atrás dum arbusto surge o vulto dum pobre cavalito, meio oculto. Aos pulos, de contente, o nosso herói imagina-se já grande «cow-boys».



Em gesto resolutivo e alvorôço, prepara o laço e lança-lho ao pescôço... Porém o cavalito, presentindo a manobra, a galope eis já fugindo,

emquanto o laço tomba, circundando o pescôço do audaz chefe dum bando, conhecido em redor, por Séca-e-Méca, pelo Águia Negra, o dono da pileca.



E eis como, por acaso, o nosso herói, revelando uma estranha vocação, pôde prender, fazendo de «cow-boy» o Águia-Negra, terror dessa região.



# O NOSSO CONCURSO: — UMA VILA COMPLETA

Havendo reunido por três vezes o júri, formado pelo director deste suplemento e pelo autor das construções deste original concurso, a-fim de fazer o apuramento das respectivas provas, chegou à conclusão de que todos os concorrentes merecem particular louvor pelo interesse e bom acolhimento que dispensaram à nossa idea, cujo objectivo, altamente proveitoso sob o ponto de vista educativo, escusado se torna salientar por demasiado evidente.

Todos, afinal, foram premiados, porque ficaram de posse de um engraçado brinquedo que revela, em seu conjunto, a habilidade manual de cada concorrente.

Como, porém, dentre as trezentas e tantas provas recebidas, muitas revelam um sentido de urbanização deveras para apreciar em tão pequeninos cultores da Imaginação, da Estética e da Harmonia, justo é destacar os que melhor visão artística e bom gosto revelaram.

Seguindo este critério, entendeu o júri dever atribuir a seguinte classificação:

1.º Prémio: — Flora Diniz de Matos — Calçada de Santo André, 22-1.º — Lisboa — 9 anos de idade.

2.º Prémio: — Adelaide de Almeida — Rua Conde Ferreira, 163 — Porto.

3.º Prémio: — Maria Emilia Miranda Pires Machado, de Condeixa.

4.º Prémio: — Manuel José de Oliveira Nogueira — Rua de Arroios, 119-1.º — Lisboa.

5.º Prémio: — Ruth Camacho Nanette Curado — Rua Lopes J. C. E. 1.º ao Alto de S. João — Lisboa.

6.º Prémio: — Fernando Rodrigues de Oliveira — 11 anos — Rua do Arco do Chafariz das Terras, 17 r/c. E. — Lisboa.

## PRIMEIROS CLASSIFICADOS:

Afonso Falcão Nogueira, Maria do Ceu Pereira Correia da Silva, Alice Mourinho, José Nunes de Carvalho, Júnior, Alberto Antunes Martins, Mário Diniz Pereira, Lizette Carolina Nolasco Barros, Maria Fernanda Machado, Germinal Nanette Nilson Curado, Carlos Tavares e Rui Duarte Lopes,

## SEGUNDOS CLASSIFICADOS

Rui Carlos de Figueiredo, António de Oliveira Natálio, Luiz Pereira, Mário António Mendonça Varatojo, Jorge Macedo Portela, Angelo Alves Longo, Simão Andrade, Mira da Conceição Martins, Maria Madalena Contente, Diamantino Garcia Gaspar, Maria Amélia de Noronha e Abreu Lomba, Dinah de Oliveira, Maria Ismênia Diniz Martinó, Daniel Nanthez, Mari Alice da Cunha Puga, Rafael dos Santos Severo de Almeida, João Pedro Marçal Branco, Maria Celésté Guerreiro Lima, Mário Nogueira, Maria Izabel Fialho, Palmira da Conceição Filipe, Fernando António de Matos Barata da Silva, Carlos Alberto Afonso Gil, Filipa Catarina Neto, Graziela Augusta Dias Ferreira e Maria Orizia de Faria Oliveira.

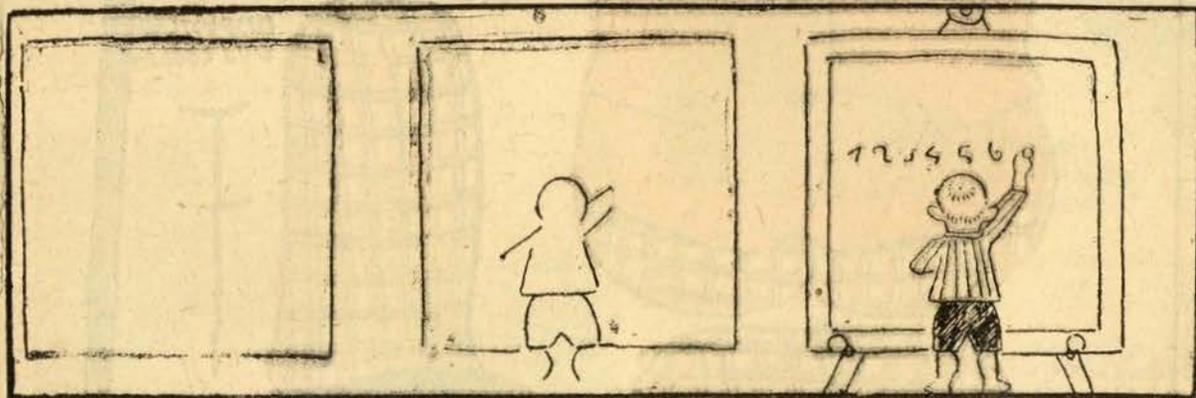
No próximo número começaremos a publicar as provas fotográficas dos premiados.

Todos os premiados e primeiros classificados têm direito a publicação dos seus retratos no nosso suplemento.

Acusamos a recepção de provas fotográficas de mais os seguintes concorrentes, as quais foram ainda incluídas no nosso concurso:

Diamantina Baptista Dias, Afonso Falcão Nogueira, Carlos Tavares, Fernando de Jesus Calado, Carlos Calado, Maria da Conceição Martins, Maria Helena, Germinal Nanette Nilson Curado, Ruth Camacho Nanette Curado, David d'Andrade, António Mendonça Varatojo e Maria Orizia de Faria Oliveira.

# Lição de desenho



Como se desenha um menino a escrever na ardósia

# AMBIÇÃO DUMA ARANHA

(Continuação da página 3)

Estava a seu lado  
Uma aranha vêlvinha,  
Sequinha,  
De sorrir velado,  
que, com meiguice,  
lhe disse:

— «Eu sou tua mãe  
E rainha!  
Não temas, porém,  
Pois antes de mim  
O Destino te olhou  
E te castigou.

Não queiras agora  
Ser mais  
que as demais,  
No mundo de Deus  
São todos iguais!»

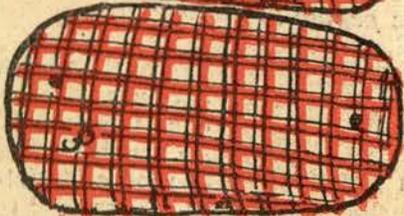
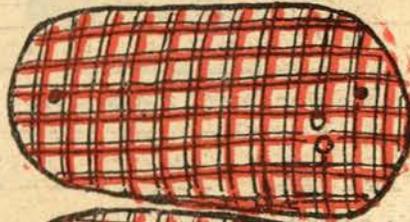
Serapião cum-  
primenta vos-  
sorias...

OS BRACOS E  
PERNAS LIGAM-  
-SE ENTRESI POR  
CORDÃO FINOS.



LIGA A POR  
MEMO DE ATA-  
CHAS A COM A,  
B COM B, ETC.

DISPOSIÇÃO  
DOS CORDOES



da borda